

Não há maneira mais adequada de penetrarmos no pensamento de um escritor e compreender-lhe a obra do que conhecer sua vida e sua época e os fenômenos que condicionaram o seu comportamento como escritor. Nesse particular Melville é uma fonte de interêsse permanente, e sua vida de aventuras, em si, um romance emocionante.

—Lago Burnett, crítico literário do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro

# O Homem que Escreveu MOBY DICK



**A** 28 DE SETEMBRO de 1891, esquecido de todos, um velho morreu no n.º 104 East da Rua 26, em Nova York. Havia 28 anos que ali morava, ganhando a vida como inspetor da alfândega. Um jornal deu em três linhas a notícia da sua morte.

Hoje em dia, o nome dêsse velho, Herman Melville, é um dos mais

MAX EASTMAN



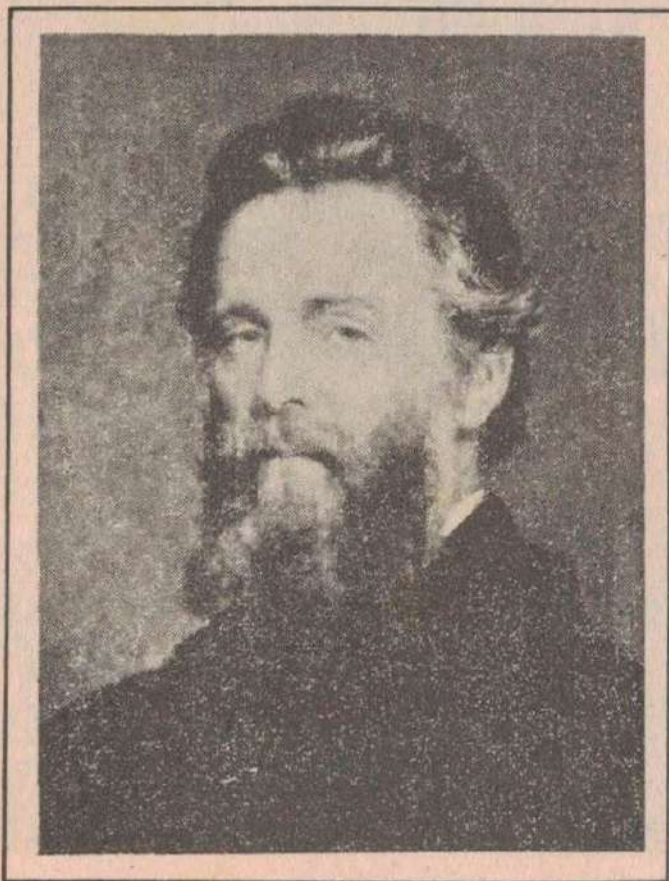
famosos da literatura americana. Toda biblioteca tem não só os livros por êle escritos como também livros escritos sôbre êle. *Moby Dick*, a sua obra principal, foi incluída numa edição popular de *Os Dez Maiores Romances do Mundo*. Quando foi publicada pela primeira vez em 1851, despertou tão pouca atenção que Melville se julgou, durante todo o

resto da vida, um frustrado. Em 1921, trinta anos depois da morte de Melville, voltou a ser publicada e começou a colhêr elogios e aplausos. É agora vendida aos milhões de exemplares.

Como se pode explicar essa morte e ressurreição literária? Há duas explicações. Num sentido, a obra-prima de Melville estava 70 anos à

frente da sua época. Em outro, estava atrasada 340 anos.

**Rumo ao Mar.** Quando jovem, Melville queria libertar-se de tôdas as convenções respeitáveis e viver a sua vida. Quando seu pai perdeu tôda a fortuna da família e Herman teve de deixar os estudos, procurou trabalhar na loja de chapéus de seu



*Herman Melville*

irmão em Troy, no Estado de Nova York; plantar batatas na propriedade de seu tio, perto de Pittsfield, no Estado de Massachusetts, e trabalhar num banco de Nova York. Foi então para as docas de Nova York e engajou-se como marinheiro num navio que ia para Liverpool. Tinha 17 anos e o seu salário era de três dólares por mês.

Tinha saúde, fôrça física e boa disposição de espírito, mas não gostava da sordície e da vulgaridade da vida entre os marinheiros. Não gostava da comida que tinha de comer. "Nunca vi o cozinheiro lavar-se senão uma vez", recordou êle depois, "e foi num dos caldeirões de sopa e numa noite escura quando pensou que ninguém o estivesse vendo." De volta dessa decepcionante aventura, Melville deu aulas, mas também não gostou dessa atividade. Depois de três anos e meio de indecisão, resolveu tentar de nôvo o mar.

Metendo numa maleta uma navalha, uma camisa e uma calça, foi a pé até New Bedford e embarcou num navio baleeiro que ia para o Pacífico Sul. Teve a pouca sorte de escolher um navio no qual as condições de vida eram infinitamente piores do que a bordo do navio que o levara a Liverpool. O comandante era um bruto; a carne de cavalo estava estragada; só os buracos abertos pelos bichos tornavam menos duros os biscoitos. Os marinheiros, com uma só exceção, eram grosseiros intratáveis. A exceção era um garôto chamado Tobias Green. Êle e Herman fizeram amizade e quando, ao fim de 15 meses de pesca de baleia, o navio aportou para reparos numa ilha chamada Nukuheva, do arquipélago das Marquesas, os dois resolveram desertar.

**Acolhidos Pelos Selvagens.** Só levaram a roupa do corpo, na qual haviam metido um punhado de biscoitos e um pouco de fumo. Depois

de subirem montanhas durante cinco dias e de quase morrerem de fome tendo para comer apenas os biscoitos molhados de suor, chegaram a um belo vale. Tinham-lhes dito que tomassem cuidado com êsse vale. Era habitado por uma famosa tribo de canibais, os Typees. Mas, para sua surpresa, os canibais, depois de alguma desconfiança inicial, os acolheram e trataram—ao menos aparentemente—não como uma possível reserva de mantimentos, mas como hóspedes de honra.

Durante a escalada das montanhas, Herman ficara com a perna dolorosamente inchada. O chefe dos Typees, que demonstrara muita amizade por êle, não apresentou nenhuma objeção quando os rapazes propuseram que Tobias descesse até ao pôrto para ver se encontraria um médico.

Tobias não voltou nunca. Foi recrutado à força por outro baleeiro. Dêsse modo, Herman viveu sozinho durante algumas semanas num estado de indulgente cativo com aquêles canibais. Deram-lhe alojamento e um servidor; deram-lhe suas melhores iguarias e as mais belas das suas filhas enfeitadas de flôres como companheiras de folguedos.

**Amor no Pacífico.** Herman era um rapaz bonito, forte e simpático e parece que os selvagens o consideraram uma espécie de visitante celestial que devia ser festejado e preservado. Por sua vez, êle experimentava pelos seus hospedeiros nus um sentimento bem parecido com a ami-

zade. Gostava particularmente de uma graciosa môça chamada Fayaway, com quem costumava ir nadar, andar de canoa e passear pelos bosques. Um dia, na canoa, para ajudá-lo a remar, ela tirou um frouxo manto de cascas de árvore—a única coisa que lhe cobria o corpo—e, “estendendo-o como se fôsse uma vela, perfilou-se com os braços levantados na proa da canoa”.

“Mastro mais lindo do que Fayaway”, escreveu Melville, “jamais foi visto em qualquer embarcação.”

Êsse idílio entre um jovem americano talentoso e uma môça canibal numa ilha inexplorada do Pacífico Sul poderia ter sido uma das coisas mais agradáveis de serem lidas da literatura americana, se tivesse sido narrado com tôda a franqueza. Mas por volta de 1850 a idéia de descrever realisticamente tais experiências era simplesmente apavorante. Procurando aproximar-se da verdade tanto quanto possível, Melville disse apenas o seguinte: “Se o leitor não percebeu até agora que eu era o declarado admirador da senhorita Fayaway, tem pouca experiência das coisas do coração e eu não me darei ao trabalho de esclarecê-lo mais.”

**Vale sem Cuidados.** Vivendo entre aquêles selvagens, Herman aprendeu que os povos primitivos, quando vivem à sua maneira, podem ser mais felizes e contentes do que os povos a quem a civilização, por assim dizer, atormenta. “Uma circunstância que me despertou admiração”, escreveu Herman, “foi a per-

pétua hilaridade que reinava através de todo o vale. Parecia não haver cuidados, pesares, preocupações ou vexames. Depressões, melancolias e desânimos ficavam escondidos nos cantos e nas fendas dos rochedos.”

Esse fato moldou de maneira profundamente revolucionária a opinião de Melville a respeito da natureza e da filosofia humanas. Criou nêle um sentimento de revolta em face da devoção cheia de convencionalismos da gente da Nova Inglaterra e ergueu-o acima da corrente cultural do século XIX. “Chego a pensar”, observou êle, “que quanto à imoralidade, quatro ou cinco habitantes das Marquesas mandados para os Estados Unidos como missionários seriam tão úteis quanto um número igual de americanos enviados às ilhas com a mesma missão.”

A hospitalidade dos Typees era, sem dúvida, um tanto constrangedora. Não o deixavam sair de lá. Faziam-no parar com imperioso vozério sempre que êle tentava ultrapassar determinado ponto no caminho que o levaria ao pôrto. Além do mais, não podia deixar de se lembrar que aquela vida de sonho e felicidade podia, a qualquer momento, transformar-se num pesadelo. Um dia, quando os seus anfitriões se preparavam para um banquete, levantou a tampa de uma grande tina e descobriu os ossos descarnados de um ser humano. E é claro que Herman sentia saudades de casa.

**Despedida Amarga.** Já estava naquele lugar havia quatro ou cinco

semanas—que na sua lembrança ficaram como quatro meses—quando o comandante de um baleeiro que passava por ali soube da existência de um marinheiro americano mantido em cativeiro pelos canibais e mandou um grupo de indígenas mansos ir comprá-lo com uma espingarda, pólvora e tecidos de algodão. Um grande grupo de Typees, entre os quais Fayaway, desceu até ao pôrto para fazer o negócio. Mas os Typees, calculando o valor das mercadorias que lhes eram oferecidas em troca, não quiseram ceder o seu precioso hóspede. Em vista disso, quando as negociações iam em meio, Melville saltou para o barco que estava à espera e se afastou da praia, jogando, ao fugir, uma peça de fazenda para Fayaway.

Os Typees correram em seu encalço. O maioral do grupo, um chefe chamado Mow-Mow, procurou pegar um remo e teria feito o barco virar se Melville não agarrasse um croque e o cravasse no corpo do homem. Foi-lhe poupado ver o chefe afundar-se na água ensangüentada e Fayaway de pé na praia agarrada à peça de fazenda, porque, depois de desferir aquêle golpe mortal, Melville perdeu os sentidos.

É pouco provável que os preceitos morais ministrados a Melville na infância servissem para julgar êsse ato de coragem e de horror pelo qual êle se libertou dos seus gentis, mas selvagens captivos. Isso tornou-o céptico quanto ao valor absoluto dêsses padrões do bem e do

mal dos quais se fala com tanta superficialidade.

**Escritor.** Tinha 22 anos quando partiu de Nukuheva e houve um intervalo de mais três anos de aventuras vagabundagens até êle voltar para casa. Vinha transbordante de histórias interessantes. Para resolver os seus problemas econômicos, colocou as histórias em livros. *Typee* e *Omoo* obtiveram imediato sucesso. Êsses livros, juntamente com os outros que escreveu nos quatro anos seguintes, deram-lhe dinheiro bastante para casar-se e tornaram-no suficientemente conhecido para que êle passasse a se considerar um escritor profissional.

Mas nem o dinheiro, nem a fama chegavam à altura das suas ambições. Sonhava escrever coisa mais duradoura do que livros de viagem pelo Pacífico.

Disse numa carta: "Até aos 25 anos, não me desenvolvi. A minha vida começou no meu 25.º ano." Quase todos nós julgaríamos o contrário. Até ao seu 25.º ano, êle viveu plenamente a vida. Naquele ano começou a *pensar* profundamente na vida. Mais tarde começou a ler avidamente—e sentir-se mais à vontade na literatura inglêsa do que no mar. Leu Shakespeare e outros dramaturgos do tempo de Elizabeth I e ficou empolgado por sua tempestuosa eloquência e o seu estilo rude e violento.

Quando escreveu o seu grande drama, Melville colocou na bôca dos seus personagens—como haviam feito

Shakespeare e os elisabetanos—uma linguagem mais intensamente intelectual e poética do que aquela que êles falariam na vida real. Seus contemporâneos consideraram isso grotesco e prova de incompetência. Assim, êle era tão arrogantemente antiquado em estilo quanto eram adiantadas as suas opiniões comparadas às mais novas tendências vitorianas.

**O Drama Trágico.** Ninguém sabe exatamente quando Melville concebeu sua obra-prima—o drama de uma guerra oceânica entre o Homem e Leviatã. Sonhava êle colocar em sua história tôda a tremenda ambigüidade do problema do bem e do mal que havia muito o torturava. Embora quase dois anos da vida descrita nos seus livros de aventuras sejam passados a bordo de navios baleeiros, a terrível tarefa de matar uma baleia nunca é narrada nêles. Mas a caça à baleia como tema trágico, nos moldes em que era praticada no século XIX, quase não tem o que se lhe compare em proporções e grandiosidade. Ao lado dela, as touradas são um esporte para gatinhos. E Melville sabia tudo o que era possível saber sôbre baleias.

Havia entre os marinheiros a lenda de uma baleia monstruosa e feroz, inteiramente branca, a que alguns davam o nome de Moby Dick. Para a sua tragédia, Melville criou um personagem, o Capitão Ahab, homem igualmente estranho e monstruoso, transbordando de raiva à baleia branca e percorrendo os mares com a idéia fixa de matá-la.

O tempo de folga de que precisava para escrever o livro foi-lhe proporcionado por seu sogro que lhe "adiantou" o dinheiro para comprar uma fazendola perto de Pittsfield, em Massachusetts. No outono de 1850, feita a colheita, Melville abandonou tudo e sentou-se para escrever o seu livro imortal.

Terminou-o dentro de um ano, publicando-o em 1851. Mas dentro de mais um ano o livro saía de circulação. A média anual das vendas no primeiro decênio foi de 123 exemplares, e, nos 25 anos que se seguiram, de 22.

Melville não deixou de escrever. Ainda posteriormente, quando para manter a família êle trabalhava como empregado de um escritório, conseguiu escrever outra história, *Billy*

*Budd*, que, descoberta depois da sua morte, tornou-se um clássico. Mas o seu domínio shakespeariano de ritmos e imagens desaparecera. *Moby Dick* fôra uma obra de gênio, mas sem que ela fôsse reconhecida como tal, êle não poderia repeti-la.

Setenta anos mais tarde e 30 depois da sua morte, um ilustre crítico inglês declarou que fôra levado a ler aquêle livro esquecido e que, "depois de fazê-lo, afirmo que, desde que a literatura começou, nunca houve um livro assim e que o espírito do homem não é feito de modo a produzir outro; e que coloco o seu autor ao lado de Rabelais, Swift e Shakespeare". Dez anos depois o esquecido inspetor de alfândega era reconhecido como um dos maiores escritores de todos os tempos.

NUM PARQUE de diversões, não pude resistir e comprei uma enorme maçã enfeitada, vermelha e brilhante. Quando estava prestes a dar uma dentada, ouvi um grito:

—Não faça isso! Depois de todo o trabalho que eu tive!

—Assustada, virei-me e dei de cara com meu dentista. —Sr. B. W.

ALÉM DE sair de barco no verão e primavera, vocês deviam começar a esquiar e divertir-se o ano inteiro—disse um amigo para meu marido e para mim, no final da temporada de iatismo.

—Mas isso não sai muito caro?—perguntei.

Nosso amigo sorriu.

—É engraçado—disse êle.—Nós moramos numa casa antiga: nossa banheira, por exemplo, é daquele tipo antigo, daquelas que tinham pés. Há vários anos vimos economizando dinheiro para arrumar o banheiro. Mas quando chega o inverno, tiramos o dinheiro do banco e vamos passar uma temporada esquiando, tôda a família. Nosso filho mais velho hoje está no Exército, e muitas vêzes, nas cartas dêle, lembra de quanto nos divertíamos naquelas excursões. Sabe, não posso imaginar que êle escrevesse para casa comentando: "Puxa, mas que banheiro formidável que nós temos, não é?"

—N. R. P.